Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO SANTOS • PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», RUA DE HOMEM CRISTO, 17 A 25 — TELEFONE 23886

GUARNIÇÃO MILITAR DE AVEIRO

Démos notícia, no último número, de diligência feita, junto do sr. Ministro do Exército, para a manutenção dos regimentos da Guarnição Militar de Aveiro. E dissemos como foi amàvelmente recebida por aquele ilustre estadista a Comissão que se deslocou a Lisboa, no dia 31 de Março findo.

Sabemos que a mesma Comissão, não podendo, como é óbvio, transmitir ao público nada mais do que neste jornal se publicou no número transacto e consta da nota oficiosa fornecida pela Secretaria do Ministério do Exército, embora deplorando a saída de Aveiro de alguns distintos oficiais e outros militares e suas famílias, já muito integrados na vida social da cidade e por quem todos, em Aveiro, têm a maior consideração, veio satisfeita com as palavras do sr. Ministro do Exército sobre os interesses gerais respeitantes à nossa futura Guarnição Militar.

A representação entregue em Lisboa ao ilustre titular da pasta do Exército é do seguinte teor:

Senhor Ministro do Exército
Excelência:

A cidade de Aveiro, alarmada e entristecida com a patente extinção ou desactivação do Regimento de Cavalaria 5 — como não poderia deixar de sentir a supressão de qualquer outro efectivo ou Unidade da sua Guarnição Militar — vem perante Vossa Excelência manifestar o seu desgosto, que é sincero e profundo, e pedir a Vossa Excelência e ao Governo que a não diminuam militarmente quando ela faz todos os esforços — próprios do seu papel de capital de um populoso e importante Distrito administrativo —, por manter a dignidade e o prestígio inerentes e quando, como capital económica de uma vasta e activíssima região natural e humana, procura actualizar-se, honrando Portugal moderno que o Governo e a Nação andam a construir, no afã de recuperarmos o tempo històricamente perdido perante um inexorável avanço mundial.

Aveiro não pode deixar de manifestar a Vossa Excelência, neste lance, o seu sentimento, porque sempre considerou as unidades da sua Guarnição como partes integrantes da sua comunidade, como famílias orgânicas do seu agregado social e afectivo, com eles sentindo todo o brio próprio do seu papel patriótico, do seu aprumo e fama, da sua eficiência e disciplina, e das suas exemplares conduta militar e acção social.

Alimentamos durante muitas décadas esta grata afeição e esta especialíssima consideração pelos nossos regimentos, este orgulho de os possuir, podemos dizer, e seria impossível que assistíssemos ao seu desaparecimento sem o desgosto que a Vossa Excelência, como ilustre e venerando Chefe do Exército, agora manifestamos.

Este aspecto sentimental e moral da questão, que no momento presente tanto apaixona a comunidade aveirense, é sobrelevante na representação que a Vossa Excelência e ao Governo trazemos.

Mas o aspecto económico, não pode deixar de ser por nós evocado.

Apesar da acção que, no último século, e principalmente de 1920 para cá, Aveiro tem desenvolvido no sistemático intuito de aproveitar os seus recursos naturais e a sua situação geográfica, e de se valorizar econòmicamente, criando melhores e maiores meios de viver para uma população regional cujo progresso demográfico a levam aos mais altos ní-

Continua na página 3

A propósito do Banco de Fomento Nacional

O CRÉDITO

Considerações de ANTÓNIO BRINCO DA COSTA

ANTES de o homem materializar o valor do seu trabalho num objecto que seria a primeira moeda, já o CRÉDITO havia produzido os seus frutos, permitindo a troca de mercadoria ou valores que uns possuíam e de que outros necessitavam.

No Museu Metropolitano de Arte, em Nova Iorque, existem duas placas de argila, que datam de 2 500 anos antes de Cristo, nas quais estão inscritas promessas de pagamento. Numa delas lê-se, relativamente à venda de um escravo e com referência ao comprador: — «aceitei a sua promessa de pagamento, visto não me ter entregue o dinheiro».

E à medida que o homem ia aperfeiçoando o seu trabalho e das suas mãos começaram a sair produtos que a sua arte rudimentar ia melhorando e embelezando, surgiu a necessidade de os transformar naquilo que lhe faltava, e isso levava-o a espalhar e a disseminar os variados artigos que a sua imaginação ia criando.

E só confiando em outrem lhe foi possível ir produzindo cada vez mais, certo de que a seu tempo receberia a paga do seu labor.

E o CRÉDITO foi-se firmando no conceito dos homens...

A venda a crédito tornou-se, por isso, uma obrigação e uma necessidade. E com as vantagens que iam surgindo do sistema, foram aparecendo as consequências para os faltosos, fixadas rìgidamente, aplicadas e exageradas na sua própria execução.

Com a mentalidade que poderemos supor nos povos primitivos, fácil será adivinhar quais seriam as penas para os que não sabiam cumprir...

Assim, a violência corporal, como primeiro argumento, foi usada desde os povos egípcios até aos romanos que a foram aplicando com maior ou menor rigor. A redução a escravo do devedor, a sua inutilização ou a sua morte, não seriam de excluir nestas épocas remotas...

Na antiga Roma, uma lei existia permitindo que o devedor fosse exposto aos olhos do povo três vezes; se ninguém aparecesse a pagar a sua dívida, era adjudicado aos seus credores que poderiam matá-lo, vendê-lo ou aprisioná-lo, até que pelo trabalho pudesse ganhar para pagar o que havia ficado a dever.

Mais tarde, em França, Itália e Suíça, foi instituído um hábito que tinha o seu pitoresco e devia, de certo modo, influir no espírito dos maus pagadores: fidalgos e plebeus eram levadas à praça público, onde os obrigavam a baixar os calções e a sentar-se três vezes no chão, gritando:

— Eu cedo todos os meus bens...

No entanto, a par de todas estas dificuldades, consequências e entraves, o CRÉDITO foi-se estabelecendo, firmando e radicando de tal modo nos sistemas das sociedades, que hoje o Mundo não o pode dispensar.

Mola real que impulsiona a máquina moderna, o CRÉDITO encontra-se ligado a todas as actividades da terra e da vida humana.

Continua na página 7

Balada de SANTA JOANA

Apontamento do Dr. António Christo

QUANDO publiquei a segunda edição do Cancioneiro de Santa Joana Princesa, o sr. Dr. Alberto Souto teve a amabilidade de me comunicar a existência de uma «canção» ou «serenata», sobre a egrégia Padroeira de Aveiro, que se cantou durante as grandes festas — «verdadeiras festas da cidade» — promovidas, há mais de meio século, pelo prestigioso Clube dos Galitos.

O meu dedicado informador não atinava já com toda a poesia, lembrando-se apenas da primeira estrofe; mas acentuava que «eram bem bonitos os versos e muito linda e feliz a música».

Há poucos dias, a ilustre escritora D. Raquel Ferrer Antunes — que usa o nome literário, bem conhecido, de Maria da Soledade — teve a gentileza de me escrever sobre o assunto uma carta primorosa, que recebi com indizível prazer.

Também ela, ao ler o Cancioneiro de Santa Joana Princesa, se lembrou da poesia que, por desconhecê-la, omiti naquele opúsculo — e foi muito enternecidamente que teve a bondade de a recompor.

Espero que a veneranda senhora me releve o atrevimento de o explicar com palavras suas aos meus leitores: «Como notas que vão acudindo aos dedos do velho músico que procura reconstituir melodia antiga, assim me vêm surgindo os versos dessa Balada que não consigo recordar toda. Mas quem sabe se V.... a poderá desenterrar do esquecimento, consultando as recor-

Continua na página 7

Com o advento da Primavera — que tão enganadoramente se apresentou auspiciosa — a Ria viu-se num instante povoada das velas e dos remos dos desportistas aveirenses. Foi uma fátua amostra de cor e movimento, a espelhar-se nas brandas águas, que, volvidos os primeiros dias primaveris, logo haveriam de turvar-se e agitar-se à insólita persistência dum Inverno que teima em manter-se anacrònicamente no calendário. Na gravura, a magnífica imagem que Pedro Vilhena fixou dos preparativos para uma largada dos «moths» da Ovarense, do Sporting e do Clube Naval de Aveiro

Litoral

AVEIRO
9 DE MARÇO DE 1960

ANO SEXTO
NÚMERO 285

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL — II Divisão

Campeonato Nacional — COMENTÁRIO GERAL

SÃO indiscutivelmente merecidas, na abertura deste apontamento, palavras de parabéns ao Sport Comércio e Salgueiros, que, com o seu êxito de domingo, garantiu o primeiro lugar da Zona Norte, quaisquer que sejam os resultados dos três jogos que falta efectuar. Denotando uma solidez e uma homogeneidade notáveis, os pupilos do competente técnico Artur Baeta alçapremaram-se ao mais apetecido posto por mérito unânimemente reconhecido, pelo que ingressarão, a partir da próxima época, no Campeonato Nacional da I Divisão.

Neste momento jubiloso da grande família salgueirista, felicitamo-la muito efusivamente.

A par do primeiro classificado, também o último da tabela foi vedeta no pretérito domingo. O União de Coimbra, conquistando uma clara vitória em S. João da Madeira (note-se que os unionistas ainda não tinham alcançado um ponto sequer na posição de visitantes!), ficou com renascidas esperanças na salvação, de que muitos descriam. O resultado deste desafio foi verdadeiramente sensacional, já que, mercê dos resultados do dia, se complicaram imenso as *coisas* para os clubes intranquilos, que continuam a ser sete, aqui indicados pela ordem de decrescente intranquilidade: Espinho (o mais ameaçado), Académico, União, Vila Real, Oliveirense, Vianense, e Torreense.

Houve normalidade em quase todos os desfechos, mas importa referir que a representação aveirense não esteve feliz: a Oliveirense, em Torres Vedras, manteve-se largo período no comando, vindo a ser ultrapassada sòmente com o termo do jogo já à vista...; o Espinho, tendo atingido 2-0, sofreu enorme dissabor com a cedência da igualdade, nos derradeiros instantes, ao feliz grupo do Marinhense, que prossegue na sua excelente carreira; a Sanjoanense deixou-se surpreender, no seu próprio reduto, pelo *lanterna-vermelha*; e, finalmente, o Beira-Mar perdeu em Chaves por marca expressiva, se se notar que o valor dos contendores é semelhante e que o desafio era de muita importância para as derradeiras aspirações dos aveirenses, agora postados a distância muito maior dos seus intentos... de que — refira-se — não estão totalmente arredados.

Ainda em referência aos jogos da última ronda, há que notar a subida do Marinhense ao segundo posto, embora com os mesmos pontos do Desportivo de Chaves e sòmente com mais um que o duo Caldas-Peniche e mais três que o Beira-Mar... A luta promete, e é de todo em todo imprevisível o seu desfecho. No entanto, os beiramarenses não devem fazer sombra a qualquer dos seus opositores, já que a equipa atravessa um período pouco brilhante.

no 23.º DIA

Salgueiros, 4 — Peniche, 0
Espinho, 2 — Marinhense, 2
Sanjoanense, 1 — União, 3
Académico, 2 — Vila Real, 1
Chaves, 4 — Beira-Mar, 1
Torreense, 2 — Oliveirense, 1
Caldas, 4 — Vianense, 1

Chaves, 4 — Beira-Mar, 1

Comentários de M. POMPEU FIGUEIREDO

SOBRE os 48 m., Liberal acorreu à linha de cabeceira, no lado esquerdo, tentando interceptar o esférico. Não o conseguindo, o *stooper* aveirense permitiu que ROSÁRIO se apossasse da bola e tentasse um cruzamento rápido. O jogador flaviense, no entanto, foi bastante feliz, pois, batendo mal o esférico, deu-lhe um caprichoso efeito e o caminho das redes...

Aos 55 m., Sarrazola entregou mal o esférico, que ficou na posse de Cardoso. Sem perda de tempo, o interior local internou-se e centrou, proporcionando a LUÍS um remate de cabeça que colocou os números em 2-0.

Aos 59 m., Violas, apertado, socou a bola para diante das balizas, caindo com um adversário. ROSÁRIO, acorrendo com oportunidade, aproveitou o ensejo para uma recarga vitoriosa, de cabeça, elevando o *score*.

Aos 65 m., sob passe de Vasconcelos, LUÍS voltou a golear, derrotando a oposição de Sidónio, que momentos antes entrara em substituição de Violas.

Finalmente, aos 70 m., o Beira-Mar conseguiu o seu tento de honra, em remate de CORREIA, bem servido por Laranjeira, num lance de contra-ataque.

Na primeira metade (0-0), o Beira-Mar jogou contra o vento, que soprou com violência, acautelando-se na defensiva. Os amarelo-negros efectuaram meritório trabalho, dentro do sistema utilizado, impondo-se aos atacantes transmontanos, que nunca — apesar do seu domínio — tiveram a baliza à sua mercê a não ser num falhanço

Continua na página 6

Da minha janela...

Como se sabe, realizaram-se, em tempos, as assembleias gerais das associações de Andebol e Basquetebol. Nas mesmas foram eleitos novos corpos gerentes que esperam — de há tempo... — o acto de posse.

Mas, por este andar, são capazes de esperar indefinidamente...

1 — *Aproxima-se o termo do Campeonato Nacional da II Divisão e muitas ilusões ficaram pelo caminho. Por isso, há quem pense já na nova época, que há-de reacender novas esperanças. Entretanto, na Zona Norte, dois clubes do Distrito lutam ainda pela sobrevivência: a Oliveirense, que parecia talhada, no início da época, para voos mais largos; e o Espinho, que, a não se verificar uma surpresa — aliás o futebol está cheio delas... — baixará irremediàvelmente.*

Fiquemos esperançados numa ponta final que permita a oliveirenses e espinhenses manterem-se no convívio dos restantes. Certamente, todos os desportistas aveirenses pensarão do mesmo modo — já que a fragmentação do quarteto distrital viria afectar enormemente o prestígio do importante centro desportivo que é Aveiro.

2 — O Desporto, não obstante várias anomalias, é ainda uma bela escola de virtudes. Evidentemente, que o desejo naturalíssimo de vencer exige o máximo dos atletas, que não devem, nunca, regatear os seus esforços. Contudo, passados os momentos de euforia, tudo deve voltar à normalidade, procurando-se novas energias para novos cometimentos. E é então, sem atropelos e sem cenas desagradáveis, que tudo deve recomeçar.

Há anos, Galitos e Guifões defrontaram-se em basquetebol. Cometeram-se exageros condenáveis que tiveram, como reflexo, uma reacção forte dos aveirenses, no sentido de não voltarem a defrontar os seus adversários. Porém, os tempos correram e o bom senso, que nunca devia ter faltado, acabou por imperar. Fizeram-se as pazes, e, hoje, podemos afirmar jubilosamente, as duas colectividades são amigas.

Diz o povo que as chagas da amargura quem as faz é quem as cura. Mais uma vez assim aconteceu, o que nos apraz registar, com muito agrado.

3 — *O Recreio de A'gueda voltou a conquistar o Regional de Juniores, confirmando, assim, o título da época transacta.*

E' de realçar o carinho que o Recreio devota aos rapazes de hoje, homens de amanhã. Parece desnecessário enaltecer o trabalho dos aguedenses, tão evidente é a necessidade de se criarem futuros representantes no seio das colectividades. Por detrás deste trabalho aparece o nome de Daniel Silva, um treinador predestinado para a orientação de jovens jogadores e que, por vezes, tem sido incompreendido pelos homens do futebol da nossa terra.

Aguardemos o Campeonato Nacional, certos de que os juniores do Recreio de A'gueda saberão cumprir, como lídimos representantes do futebol distrital.

Basquetebol

Campeonato Nacional da II Divisão

RESULTADOS — Após uma semana de interregno, em que se acertaram os calendários, iniciou-se a segunda volta deste torneio, que se está a revestir de muito interesse. De assinalar, nesta sexta jornada, o facto da Sanjoanense ter conquistado o seu primeiro êxito, e ainda a segunda derrota do Clube dos Galitos, permitindo que o Guifões se isolasse no comando. De notar, também, que o Esgueira perdeu *em* casa, o que pode igualmente surpreender.

Subsérie A-1

LEÇA, 74 - SPORTING FIGUEIRENSE, 22; ESGUEIRA, 26 - SPORT, 30; e FLUVIAL, 38 - SALESIANOS, 35.

Subsérie B-2

SANJOANENSE, 39 — OLIVAIS, 33; GUIFÕES, 50 - GALITOS, 41; e BOAVISTA, 26 - EDUCAÇÃO FÍSICA, 31.

ESGUEIRA, 26 — SPORT, 30

Sob direcção dos portuenses Manuel da Silva e Hernâni Ferreira — os conimbricenses requisitaram árbitros de fora de Aveiro — os grupos apresentaram-se assim constituidos:

ESGUEIRA — 9 cestas e 8 lances livres transformados em 15 tentados (53,33%) — Raul, Calisto, Manuel Pereira 2, Valente 15, Américo 8, Salviano 1 e Matos.

SPORT — 12 cestas e 6 lances livres transformados em 24 tentados (25%) — Lebre, Esteves 4, Vieira 12, Té 11, Luís Alberto 3 e Garcia.

A partida não atingiu sequer um nível regular, no aspecto técnico, mas foi sempre emotiva — pela necessidade que os jogadores do Sport tinham de vencer e pela réplica oferecida pelos esgueirenses.

Ao intervalo o Esgueira vencia por 14-13. Os aveirenses adiantaram-se inicialmente, atingindo 11-5, mas permitiram que os visitantes recuperassem. Na segunda metade, os esgueirenses apenas

Continua na página 6

Um torneio em Oliveira do Bairro

No domingo, em Oliveira do Bairro, realizou-se uma interessante competição velocipédica, em duas etapas, que se correram de manhã (completando-se duas voltas ao concelho) e de tarde (num circuito de 60 voltas na pista local).

Estiveram presentes ciclistas amadores-juniores de clubes aveirenses e portuenses, tendo-se apurado as seguintes classificações finais:

1.º — José Pinto (F. C. do Porto), 2.22.30.; 2.º — João Gomes (Ovarense), m. t.; 3.º — Augusto Fortes (Aldoar), m. t.; 4.º — Armando Pinto (Sangalhos), m. t.; 5.º — António Martins (Salgueiros), m. t.; 6.º — Fernando Simões (Oliveirense), m. t.; 7.º — Antero Elias (Sangalhos), 2.22.35.; 8.º — Armando Conceição (Oliveirense), 2.22.45.; 9.º — António Oliveira (Ovarense), 2.23.15.; 10.º — Albino Queirós (Salgueiros), m. t.; 11.º — Laurentino Mendes (Ovarense) m. t.; 12.º — Raul Ribeiro (Aldoar), m. t.; 13.º — António Gomes (Ovarense), m. t.; 14.º — Américo Castanheira (Sangalhos), 2.23.30.; 15.º — Fernando Cerveira (Oliveirense), 2.23.45.; 16.º — António Breda (Sangalhos), 2.24.45.; 17.º — António Bastos Leite (Sangalhos), 2.25.30.; 18.º — Manuel Pais (Salgueiros), 2.29..

Por equipas, a classificação ficou assim estabelecida:

1.º — Ovarense; 2.º — Oliveirense; 3.º — Sangalhos; 4.º — Salgueiros.

XADREZ de NOTÍCIAS

★ *O encontro de basquetebol Águias-Sangalhos, do Campeonato Nacional da III Divisão (Série de Aveiro), que devia realizar-se no sábado, em Mogofores, não se efectuou, por falta de policiamento. Assim, o grupo do Águias foi derrotado com uma falta de comparência.*

★ *Diego, que não alinhou em Chaves por se encontrar lesionado, e Evaristo, que também não fez parte do onze beiramarense, por motivos disciplinares, já amanhã podem ser utilizados pelo técnico Anselmo Pisa. Marçal é que, certamente, ainda não poderá regressar ao team; o promissor médio terá de ser radiografado, para depois, ser tratado em Lisboa, pelo conhecido massagista Manuel Marques.*

★ *A Associação de Natação de Aveiro, que tem estado ùltimamente instalada em Águeda, deve ser transferida este ano para Aveiro. Ao que sabemos, o caso está sòmente a aguardar a constituição do futuro elenco associativo.*

★ *Por despacho ministerial, foi autorizada a constituição da Comissão Distrital de Juízes, Cronometristas e Auxiliares de Ciclismo de Aveiro, tendo sido nomeados os seguintes elementos para o referido organismo: Eng.º Jorge Severino Silva (Presidente), Edmundo Simões Louro (Secretário), e Armando de Sousa Vela (Tesoureiro).*

★ *Os encontros que a Oliveirense e a Sanjoanense têm de realizar na final do Campeonato Distrital de Reservas, em futebol, foram marcados, por acordo entre os dois clubes, para amanhã (Oliveira de Azeméis) e para o dia 15 de Maio (S. João da Madeira).*

★ *O competente técnico Joaquim Duarte, nosso dedicado e apreciado colaborador, deixou a orientação das equipas de basquetebol do Illiabum Clube. Provisòriamente, foi substituído pelo antigo basquetebolista José Ança, seu adjunto.*

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — ALA. Domingo — MORAIS CALADO. Segunda-feira — AVEIRENSE. Terça-feira — SAÚDE. Quarta-feira — OUDINOT. Quinta-feira — MOURA. Sexta-feira — CENTRAL.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 30 de Março findo, saíram: para Lisboa, os navios «Rio Alfusqueiro» e «Vaz»; e, para Setúbal, o barco «Coimbra».

★ Em 31, com destino a Lisboa, saíram os barcos «João Ferreira» e «Rio Antuã»; e, para Setúbal, o lugre «D. Dinis».

★ Em 1 de Abril, vindo de Setúbal, entrou o galeão-motor «Praia da Saúde».

★ Em 4, com destino a Setúbal, Lisboa e Porto, respectivamente, saíram a barra os navios bacalhoeiros «São Jacinto» e «Brites» e o galeão-motor «Praia da Saúde».

Comemorações do 9 de Abril

A Agência de Aveiro da Liga dos Combatentes da Grande Guerra promove, hoje, nesta cidade, como nos anos anteriores, diversas cerimónias comemorativas daquela efeméride, com o seguinte programa:

A's 11.30 horas, na igreja do Carmo, missa de sufrágio pelos Combatentes falecidos, celebrada por um Capelão Militar; em seguida, deposição de ramos de flores na base do monumento aos Mortos da Grande Guerra, guardando-se ali um minuto de silêncio; depois, se o tempo o permitir, seguirá dali uma romagem ao talhão privativo dos Combatentes, no Cemitério Sul.

Postais de Homem Christo

Na *Livraria Reis*, em Aveiro, encontram-se à venda, pelo preço, respectivamente, de 1$50 e 6$00, postais e estampas com a efígie do notável aveirense Homem Christo.

Aveirenses: utilizem estes postais na vossa correspondência.

Cine-Clube

No dia 22 do corrente, o Cine-Clube de Aveiro leva a efeito a primeira sessão cinematográfica do mês de Abril, exibindo o filme «Moby Dick». A película, realizada por John Huston, tem como principais intérpretes Gregory Peck e Orson Welles.

A sessão realiza-se no Teatro Aveirense.

Excursões escolares

A cidade, apesar da insegurança do tempo, tem sido já visitada por diversos grupos de turistas, tanto nacionais como estrangeiros. No entanto, e para além dos numerosos autocarros que em Aveiro fizeram escala, tanto no sábado como no domingo, transportando adeptos do Benfica para e da cidade do Porto, anotámos grande movimento de excursões escolares, tendo registado as seguintes:

No sábado, confraternizaram em Aveiro as alunas e os alunos do 2.º ano da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e visitaram-nos, também, as alunas do Externato Ave-Maria, de Leça de Palmeira.

Na segunda-feira, pernoitaram em Aveiro, no decorrer de um passeio ao Norte, as alunas e alunos finalistas da Escola Industrial de Fonseca Benavides, de Lisboa, que vinham acompanhados pelos professores sr.ª Eng.ª D. Maria Henriqueta Veiga de Sousa Sampaio Vaia Carneiro e sr. Dr. Mateus Augusto Macedo.

Finalmente, na terça-feira, deslocaram-se a Aveiro as alunas da Escola Industrial de Aurélia de Sousa, do Porto, que eram acompanhadas pela Directora daquele estabelecimento de ensino, sr.ª Dr.ª Maria Vieira, e pelas professoras sr.ª Dr.ª D. Flora Dias, D. Maria Celeste Borges e D. Maria Teresa Lobo.

Major A'lvaro Borges

Por ter sido colocado no Estado Maior do Exército, em Lisboa, deixou recentemente o comando do Regimento de Cavalaria 5 o sr. Major Álvaro Lopes Borges, que, de há anos, com muito aprumo prestava serviço naquela Unidade.

Aquele distinto militar seguiu, na segunda-feira, para a capital, tendo tido afectuosa despedida, na estação dos caminhos de ferro, por parte dos oficiais e sargentos dos regimentos aveirenses.

O sr. Major Álvaro Lopes Borges, num amável cartão, teve a gentileza, que agradecemos, de apresentar cumprimentos de despedida ao *Litoral*, manifestando a este semanário o seu reconhecimento pela campanha que levámos a efeito no sentido da manutenção em Aveiro do Regimento de Cavalaria 5.

«Bombeiros Novos»

Em ambiente de grande elevação, a «Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes» (Bombeiros Novos) empossou o seu novo elenco directivo para o corrente ano.

A cerimónia realizou-se no salão nobre da sua sede, no passado dia 1, sob presidência do sr. Dr. Luís Regala, Presidente da Assembleia Geral, estando presentes todos os elementos da Direcção cessante e os novos dirigentes, além do Corpo Activo, que ostentava o estandarte daquela prestigiosa e prestante Corporação aveirense.

Após o acto de posse, o sr. Dr. Luís Regala, num brilhante improviso, aludiu ao significado do acto e referiu, com louvor, a actividade dos dirigentes no ano anterior, exortando o novo elenco directivo a prosseguir com dedicação — da qual, aliás, não duvidava — na humanitária causa dos voluntários, para que a eficiência da Corporação que, com regozijo dos aveirenses, é já acentuadamente elevada, continue e se eleve ainda mais, com prestígio e honra para si e para a sua terra.

Eis a composição do novo elenco directivo:

Direcção

Presidente — Dr. David Cristo, (reeleito); *1.º Secretário* — José Vieira de Oliveira Barbosa (reeleito); *2.º Secretário* — João Evangelista de Morais Sarmento; *Tesoureiro* — Capitão Luís da Paula Santos; *Vogal* — João Moreira (reeleito).

Assembleia Geral

Presidente — Dr. Luís Regala (reeleito); *1.º Secretário* — Carlos Grangeon Ribeiro Lopes; *2.º Secretário* — Carlos Manuel Gamelas.

Conselho Fiscal

Presidente — Elias Gamelas de Oliveira Pinto; *Secretário* — Ricardo Nascimento Mieiro; *Relator* — Amadeu Teixeira de Sousa.

Caixa Geral de Depósitos

Quando da sua recente visita a Lisboa, integrado na comissão local que se avistou com o sr. Ministro do Exército, o sr. Dr. Alberto Souto, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, conferenciou com o Administrador-Geral da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, sobre a implantação do novo edifício da referida Caixa nesta cidade.

A aludida edificação virá a ocupar, se tudo correr como se espera, uma das principais zonas a estabelecer com a projectada remodelação do centro citadino.

Movimento da Lota

Embora enfrentando um período de diminuição da receita, motivado pelo defeso da pesca da sardinha, o movimento da lota de Aveiro, no mês de Março findo, registou transacções no valor de 1 381 630$50.

O atum, descarregado pelo «Rio Águeda», rendeu 1 241 653$50, uma verba muito apreciável; 43 949$00 foi o produto da venda do peixe do alto; e, no peixe capturado na Ria, apuraram-se 96 038$00.

Tipografia «A Lusitânia»
Rua de Homem Cristo — AVEIRO

Guarnição Militar de Aveiro

Continuação da primeira página

veis da densidade europeia, apesar disso, e das importantíssimas obras com que o Governo de Salazar nos tem dotado, a economia local não pode deixar de sentir um abalo muito grave com a supressão de um Regimento que, directa ou indirectamente fixava na cidade e seus arrabaldes tantas pessoas e tantas famílias e que tantos interesses atraía pela incorporação anual e pela manutenção do seu efectivo.

E, sob este aspecto, nem a Câmara Municipal, nem as autoridades, nem as entidades representativas dos altos interesses locais podem alhear-se dos interesses económicos em causa e deixar de lhes dar o apoio e amparo que merecem, porque o seu fatal desiquilíbrio numa emergência assim, tem muito séria repercussão no ambiente local, cada vez mais dependente do económico e, empolgado, como anda, pelo fenómeno da expansão que todos temos desejado e patriòticamente excitado.

Sucede, ainda, Senhor Ministro, que Aveiro construiu nos fins do século XIX o melhor quartel de Cavalaria de toda a província portuguesa e construiu-o com grande sacrifício da sua edilidade para ter a satisfação moral e o interresse material da presença do seu Regimento de Cavalaria e para bem servir o País no conveniente e digno aspecto das suas instalações militares.

Esse grande quartel, em óptima conservação e ainda hoje reconhecidamente muito bom, quando despojado da sua guarnição e abandonado e deserto, constituiria um depoimento triste e desalentador que não poderia convir ao Governo, nem ao Estado, nem ao Distrito de Aveiro, nem à Cidade.

Sem esquecermos o aspecto muito importante do recrutamento regional, escusamo-nos de invocar e desenvolver mais razões da nossa representação: pedimos a Vossa Excelência e ao Governo que atendam a cidade de Aveiro, mantendo ali íntegra a sua Guarnição Militar, enquanto o Exército Português tiver regimentos ou unidades equivalentes que, como o 5 de Cavalaria e o 10 de Infantaria, tanto honram, exornam e engrandecem as localidades onde têm seus quartéis.

Apresentamos a Vossa Excelência os protestos da nossa elevada consideração, esperando receber de Vossa Excelência e do Governo a atenção que respeitosamente solicitamos, confiados em que o alto espírito de justiça próprio do nobre carácter de Vossa Excelência e da norma governativa poderá encontrar a solução que harmonize qualquer programa de reorganização militar com o interesse local a Vossa Excelência aqui sinceramente exposto.

Aveiro, 31 de Março de 1960

Rotary Clube

⋆ Na segunda-feira, no Restaurante Galo d'Ouro, realizou-se mais uma reunião do Rotary Clube de Aveiro, sob presidência do sr. Eng.º José Pereira Zagalo, que convidou o sr. Alberto Casimiro Ferreira da Silva para a costumada saudação à Bandeira Nacional.

Depois de breves palavras o sr. Dr. Fernando de Oliveira, Chefe de Protocolo, o sr. Carlos Alberto Gamelas, Secretário do Clube, ocupou-se da leitura do expediente, em que se destacava diversa correspondência de clubes rotários (Amarante, Coimbra, Vila Franca de Xira, Porto, Figueira da Foz, Lisboa e Porto Alegre-Brasil) e do Club de Aveiro.

Proferiu, seguidamente, uma palestra, subordinada ao tema «O Crédito», o sr. António Brinco da Costa. Do seu trabalho, que foi muito apreciado, publicamos no presente número do *Litoral*, em fundo, um largo trecho.

Finalmente, o sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes fez o comentário da reunião, e o sr. Eng.º José Pereira Zagalo encerrou-a, relevando ambos os oradores a reunião conjunta que amanhã efectuam, em Matosinhos, os clubes de Amarante e daquela vila, e à qual se irão associar vários elementos do Rotary Clube de Aveiro.

⋆ Foi recentemente escolhido o novo elenco directivo do Rotary Clube de Aveiro, que ficou assim formado:

Presidente — Egas da Silva Salgueiro; *Vice-presidente* — Eng.º António Sebastião da Nóbrega Canelas; *1.º Secretário* — Carlos Alberto da Cunha Soares Machado; *2.º Tesoureiro* — Eng.º João Carlos Fernandes Aleluia; *Chefe do Protocolo* — Carlos Grangeon Ribeiro Lopes; *Chefe do Protocolo Substituto* — Dr. Alberto de Sousa Machado Ferreira Neves; *Tesoureiro* — Arnaldo Estrela Santos; *vogais* — Eng.º Francisco Soares Pinheiro e José Gamelas Matias.

Clube dos Galitos

No relato que a Imprensa fez da tradicional cerimónia de distribuição de prémios no Clube dos Galitos, por erro de informação mencionou-se, entre os distintos médicos que o prestigioso Clube dintinguiu pela sua devotada e graciosa colaboração aos atletas alvi-rubros, o nome do sr. Dr. José Vieira Gamelas, olvidando-se o do sr. Dr. Gabriel Teixeira de Faria. Trata-se de um lapso, que nos apressamos a rectificar.

Igualmente, e em complemento da notícia nestas colunas publicada, referiremos que na mencionada cerimónia foi feita a entrega do Prémio de Mérito Desportivo, referente a 1958, ao conhecido atleta Felisberto Fortes, da Secção Náutica, que, por doença, não havia comparecido à cerimónia efectuada no ano findo.

Pela Santa Casa da Misericórdia

Foi louvado o Dr. Humberto Leitão, Director Clínico do Hospital

Sob proposta do seu Provedor, sr. João Nunes da Rocha, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro aprovou, por unanimidade, um voto de louvor ao Director Clínico do Hospital, Dr. Humberto Leitão, pela forma tão competente como orienta os serviços que dele dependem e pela sua valiosíssima interferência para a nova acomodação que está a ser dada aos serviços hospitalares, sob sua orientação.

O louvor a que fazemos referência foi rectificado em 12 do mês de Março findo, pela Assembleia Geral da Santa Casa, e dele só agora nos foi dado conhecimento.

Feira de Março

Por iniciativa da Comissão Municipal de Turismo, exibe-se amanhã, pelas 22 horas, no recinto da Feira de Março, se o tempo o permitir, o conhecido *Rancho da Casa do Povo de Esgueira.*

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje — As sr.as D. Virgínia da Rocha Trindade Salgueiro, D. Maria Isobel dos Santos Paula Pires Melo, esposa do sr. Manuel Martins de Melo, D. Maria do Rosário Magalhães Lima Mascarenhas, esposa do sr. Bernardo de Almeida Azevedo, e D. Maria da La Salette Sarabando Vinagre, esposa do sr. Manuel Moreira Vinagre; e os srs. Luís Firmino Regala de Vilhenha, Jaime Costa, Emanuel de Oliveira Ferreira e Álvaro da Rosa Lima, aveirense residente em Lisboa.

Amanhã — O sr. Fernando Ferreira da Maia; e a menina Maria Grabriela Magro Coelho.

Em 11 — As sr.as D. Célia da Rocha Pereira e D. Emília Magro Coelho; o sr. Vitor Coelho da Silva; e as meninas Maria Helena Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha, filha do sr. Duarte Rocha, e Maria Helena Pinho Seiça Neves, filha do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves.

Em 12 — A sr.ª D. Henriqueta Manuela Martins de Carvalho, esposa do sr. Júlio Jesus Silva; os srs. João Gamelas e Neftali Duarte; e a menina Maria Isobel dos Reis Vinagre, filha do sr. António Gonçalves Pinho Vinagre.

Em 13 — O Rev.º Padre Alírio Gomes de Melo; a sr.ª D. Lourdes Campos Amorim, esposa do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos de Amorim, Administrador-Delegado das *Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos*; a menina Maria Manuela, filha do sr. Ulisses Noia e Silva; e o menino João Eugénio Samico Breda, filho do sr. Eugénio Samico Cunha Breda.

Em 14 — As sr.as D. Maria Tomásia Alves Candeias Vicente Ferreira, esposa do sr. Carlos Vicente Ferreira, D. Graciete Barreto Rosette e D. Maria Eneida Génio Barata Freire de Lima, filha do saudoso Capitão Barata de Lima; os srs. Júlio Marques Sobreiro e Júlio Pereira; e os meninos Mário Rui e Luís Manuel Belo Vicente Ferreira, filhos do sr. Rui Vicente Ferreira.

DE ANGOLA

Encontra-se nesta cidade, em gozo de férias, e deu-nos o prazer da sua visita, o nosso conterrâneo sr. João Evangelista Andrade de Carvalho, artífice de aviões no Aeroporto de Craveiro Lopes, em Luanda, que chegou a Lisboa, de avião, na madrugada de quinta-feira.

DOENTES

★ Inspira sérios cuidados o estado de saúde do activo e dedicado 2.º Comandante da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, sr. Gonçalo Pinto, que se encontra internado na Casa de Saúde da Boavista, no Porto.

★ Regressou à sua casa desta cidade, na terça-feira, a sr. D. Maria Fernandes Aleluia, esposa do sr. Carlos Aleluia, que esteve algum tempo na Casa de Saúde da Boavista, no Porto.

★ Também não tem passado bem de saúde o nosso amigo sr. José Júlio Pereira Varela, que se encontra retido no leito.

★ Na Casa de Saúde da Vera-Cruz, deu entrada, há dias, a sr. D. Maria Selene Pereira da Cruz Costa, esposa do correspondente em Aveiro de «O Século» e nosso colaborador Aurélio Costa.

★ Tem sentido ligeiras melhoras dos seus padecimentos o nosso amigo sr. Antero dos Santos.

Aos enfermos desejamos rápido e completo restabelecimento

Vende-se

Linda parcela de terreno, quase em frente do Senhor das Barrocas.

Nesta Redacção se informa

VENDE-SE

Casa na Costa Nova, na Av. Marginal, c/ grande quintal, c/ frente para nova avenida em construção. Informa:

João Abreu — Bunheiro

Terreno

Para construção e cultivo, vende-se, na Presa, qualquer quantidade.

Falar com José Morgado, Presa — Aveiro.

Mobília de quarto

Estilo QUEEN ANN, bem como uma mesa de Ping-Pong, tudo em estado de novo, vende-se. Tratar com Café Avenida — AVEIRO.

Dissolução de Sociedade

Por escritura de 26 de Março de 1960, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. António Rodrigues, foi dissolvida a sociedade por quotas de responsabilidade limitada, que girava, nesta cidade, sob a firma *Alfredo Esteves, L.da*, constituída por escritura de 23 de Janeiro de 1932, lavrada a fls. 19 do Livro n.º 200, do ex-notário desta cidade, Dr. António Alves de Assis Teixeira.

Aveiro e Secretaria Notarial, 7 de Abril de 1960

O Ajudante da Secretaria,

Raul Ferreira de Andrade

Austin A-50

Em bom estado. Vende-se pela melhor oferta.

Tratar com António Marques da Silva — Aradas.

Despedida

João Simões de Almeida e esposa, Olinda Vieira, tendo seguido na quinta-feira de Lisboa para West Haven (Connecticut), vêm por este meio meio despedir-se de todos os seus amigos e conterrâneos aveirenses, e oferecer os seus préstimos naquela cidade norte-americana.

Público agradecimento

Ao distinto médico Ex.mo Sr. Dr. F. Moreira Lopes e a todos os meus prezados amigos e conterrâneos, que muito se interessaram e concorreram para o restabelecimento da saúde de minha esposa, Francisca Porto de Carvalho, na grave doença de que foi acometida, aqui deixo o testemunho da minha gratidão.

Aveiro, 6 de Abril de 1960

Horácio Andrade de Carvalho

Arrenda-se

Um 1.º andar, com 8 divisões, e águas furtadas na Rua de José Estêvão — ÍLHAVO.

Tratar com José da Carola — Travessa da Boa Hora, n.º 40, 1.º, Dt. — LISBOA - 3.

Padaria

Trespassa-se a Padaria da Presa. Boa cozedura e boas instalações. Motivo à vista.

Informa: **Maria Isabel de Melo**, no Solposto — AVEIRO.

Visita presidencial à «Celulose» e ao «Amoníaco»

Duas das mais destacadas empresas fabris do nosso Distrito, a Companhia Portuguesa de Celulose, em Cacia, e o Amoníaco Português, em Estarreja, foram visitadas, anteontem, pelo sr. Presidente da República.

O sr. Almirante Américo Tomás, que ficou no Buçaco de quarta para quinta-feira, era acompanhado por diversas individualidades, entre elas se contando os srs. Ministro da Economia, Eng.º Ferreira Dias, e Subsecretário de Estado da Indústria, Eng.º Vargas Moniz.

Viajando de automóvel, o venerando Chefe do Estado passsou por Aveiro a meio da manhã de anteontem.

Arcebispo de E'vora

No passado domingo, o sr. Presidente da República impôs ao sr. D. Manuel Trindade Salgueiro as insígnias da Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, com que, em atenção aos relevantes serviços que tem prestado à Igreja e à Pátria, se dignara agraciá-lo.

A cerimónia, que se realizou na Sala das Recepções do Palácio de Belém, teve excepcional luzimento. Assistiram a ela altas individualidades, entre as quais os srs. Cardeal-Patriarca de Lisboa, Núncio Apostólico, Arcebispo de Mitilene, Bispo Auxiliar de E'vora e Vigário Geral de Aveiro e os srs. ministros da Presidência, da Marinha, dos Negócios Estrangeiros, da Educação Nacional, da Economia e das Corporações, além de muitas outras figuras destacadas, principalmente da Marinha de Guerra, da Marinha Mercante e da Arquidiocese de E'vora.

As palavras trocadas, durante a impressionante cerimónia, entre o sr. Presidente da República, um ilustre marinheiro, e o sr. Arcebispo de E'vora, filho de um homem do mar que o mar sepultou, foram muito significativas e, por vezes, comovedoras.

O *Litoral*, que muito admira e estima o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro e lhe deve extremadas gentilezas, felicita sinceramente o venerando Prelado pela merecida distinção.

Cerimónias da Semana Santa

★ **Na freguesia da Glória**

Amanhã, Domingo de Ramos — A's 10 h, na igreja das Carmelitas, Bênção dos Ramos e procissão para a Sé Catedral.

Quarta-feira Santa, 13 — A's 18 h., Ofício de Matinas e Laudes.

Quinta-feira Santa, 14 — A's 10 h., Missa Crismal Pontifical, com Bênção dos Santos Óleos; às 17 h., Pontifical da Ceia do Senhor, Lava-Pés, Comunhão do Clero e fiéis, Procissão da Santa Reserva para o Altar-Monumento, Desnudeção dos Altares e Adoração do Santíssimo, até à meia-noite.

Sexta-feira Santa, 15 — A's 9 h., Ofício Divino de Matinas e Laudes; às 16 h., Acção Litúrgica da Paixão do Senhor e Comunhão do Clero e fiéis; às 21 h., Procissão do Enterro, para a paroquial da Vera-Cruz, onde haverá sermão.

Sábado Santo, 16 — A's 9 h., Ofício Divino de Matinas e Laudes; às 22.15 h., Vigília Pascal, Bênção do Lume e da Água, Renovação das Promessas do Baptismo e Missa da Ressurreição.

Domingo de Páscoa, 17 — A's 9 h., Procissão da Ressurreição; às 10.30 h., Canto de Tércia; às 11 h., Pontifical Solene, com Bênção Papal. Haverá missas, na Sé, às 6.30 e às 8.30 horas, não se celebrando a missa vespertina, por se iniciar a Visita Pascal, como de costume.

★ **Na freguesia da Vera-Cruz**

Amanhã, Domingo de Ramos — A's 10.15 h., na igreja do Carmo Benção dos Ramos e Procissão para a igreja paroquial, onde, às 11 h., haverá Missa Solene.

Quarta-feira Santa, 13 — A's 9 h., Procissão do Senhor aos Enfermos.

Quinta-Feira Santa, 14 — A's 18.30 h., Missa Solene, com Lava-Pés, Comunhão Geral e Procissão; às 21.30 h., Adoração Solene do Santíssimo.

Sexta-feira Santa, 15 — A's 16 h., Solenidades da Paixão, Adoração da Cruz e Comunhão; às 21 h., Procissão do Enterro, que sairá da Sé Catedral em direcção à paroquial da Vera-Cruz, onde haverá sermão.

Sábado Santo, 16 — A's 22 h., Vigília Pascal e Missa Solene da Ressurreição.

Domingo de Páscoa, 17 — Missas às 7.30, 9, 11 e 19 h.. Às 10 h., Procissão do Santíssimo; às 12.30 h., Missa Solene; às 15 h, Visita Pascal, que se prolongará na 2.ª, 3.ª, e 4.ª feira e no Domingo de Pascoela.

FALECERAM:

Professor Doutor Amorim Girão

Muito embora o soubessemos doente, foi com surpresa que recebemos a dolorosa notícia do falecimento, na quinta-feira passada, do Doutor Aristides de Amorim Girão, professor catedrático da Universidade de Coimbra e geógrafo eminente, cuja autoridade era admirada e respeitada nos meios científicos nacionais e estrangeiros.

Grande amigo do Distrito e da cidade de Aveiro, que conhecia profundamente, o insigne mestre apresentou como dissertação de doutoramento na Faculdade de Letras, que o distinguiu com a classificação de 20 valores e que tanto haveria de prestigiar, um trabalho de investigação geográfica sobre a *Bacia do Vouga* — estudo primoroso, fundamental para o conhecimento do solo, da vida e do homem desta região, tão característica e tão privilegiada.

O Prof. Doutor Aristides de Amorim Girão era também um grande amigo do *Litoral* e de alguns dos que nele trabalham. Este semanário teve a honra de contá-lo no número dos seus mais eruditos e apreciados colaboradores e ficou a dever-lhe provas inequívocas da mais requintada gentileza.

A morte do Prof. Doutor Aristides de Amorim Girão constitui uma verdadeira perda nacional. O *Litoral* sente-a profundamente e espera poder prestar à memória do saudoso mestre a homenagem a que tem incontestável direito.

D. Olívia Corte Real

Em 17 de Março, no Hospital Central de Nova Lisboa, em Angola, faleceu a professora sr.ª D. Olívia Brandão de Quadros Corte Real, que contava sòmente 36 anos de idade e era casada com o sr. Orlando Corte Real, empregado camarário naquela cidade.

O funeral da saudosa extinta, nossa conterrânea, foi muito concorrido.

Sufragando a sua alma, uma pessoa amiga, enviou-nos, para os pobres protegidos pelo *Litoral*, a quantia de 20$00.

Em 29 de Março findo, na sua residência, à Rua de Rato, a sr.ª D. Celestina dos Santos Pires. Era mãe das sr.as D. Maria Benedita e D. Maria Elísia Augusta Pires e do sr. João Augusto Pires, e irmã do Subchefe aposentado da P. S. P. sr. João dos Santos Pires.

No dia 2 de Abril, em Aradas, o sr. Francisco da Cruz Martinho, que era pai dos srs. António, Manuel, Belarmino e Eduardo Maia Martinho e sogro dos srs. Manuel Gonçalves do Casal e Pedro Calisto.

No dia 3, no Bairro de Sá, a sr.ª D. Maria Emília da Silva. A saudosa extinta era mãe dos srs. Álvaro e Adelino da Silva Matos, e avó da sr.ª D. Marieta da Silva Pereira, casada com o sr. António Fernando Caetano.

No dia 4, o Subchefe aposentado da P. S. P. sr. João Luís de Resende, que deixou viúva a sr.ª D. Emília Martins Arroja Resende, e era irmão dos sr.as D. Preciosa Resende Andias, esposa do sr. Francisco Gonçalves Andias, e prof.ª D. Ester Resende e do sr. Pedro Resende, Adjunto do I. N. T. P..

— No mesmo dia, no Troviscal, o sr. Manuel Augusto Dias Gala, que contava 66 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Norbinda da Conceição Briosa. Era pai da sr.ª D. Virgília Briosa e Gala, casada com o sr. Acílio Pereira, ausentes em África, e dos srs. Dr. Horácio Briosa e Gala, médico nesta cidade, Eng.º Alberto Briosa e Gala, residente em Lisboa, e Dr. Afonso Briosa e Gala, radiologista no *Mercy Hospital*, de Toledo (Ohio), nos Estados Unidos da América do Norte.

Às famílias enlutadas os pêsames do Litoral

AGRADECIMENTO

A viúva e restante família de Fernando da Rocha Pereira, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, por falta ou deficiência de endereços, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que, de qualquer forma, lhe manifestaram o seu pesar e os acompanharam na sua dor, a todos testemunhando o seu indelével reconhecimento.

Aveiro, 6 de Abril de 1960

C. E. T. A.

Continuação da última página

é novo, adolescente mesmo; mas deseja maturizar-se no convívio dos palcos e do estudo. Com treino e perseverança poderá tentar largos voos. Surgirão encenadores, contra-regras, fonoplastas, luminotécnicos, actores. O Teatro precisa de todos estes elementos. Mas não pode prescindir dum outro elemento: o público. O público é que dirá da sua justiça e entusiasmará o Círculo e o encorajará para novas realizações. Esperamos que o faça no próximo espectáculo — primeiro andar dum edifício que o público, com certeza, ajudará a erguer.

Jaime Borges

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA SEGUNDA PÁGINA

Chaves—Beira-Mar

aparatoso de Pastorinha, que podia ter dado golo.

Só com três atacantes (Raimundo, Correia e Calisto), já que os interiores actuaram na mesma linha de médios, os aveirenses ensaiaram alguns contra-ataques imbuídos de perigo, conseguindo, assim, equilibrar a contenda. No entanto, refira-se que os flavienses cresceram perto do intervalo, e nessa altura conquistaram três *corners* (aliás, também o Beira-Mar beneficiou de um pontapé de quarto de círculo...).

Após o reatamento, o grupo de Aveiro, sèriamente perturbado com o tento obtido, logo nos primeiros

Registo do jogo

Jogo no Estádio Municipal de Chaves, sob arbitragem do sr. Caetano Nogueira, da Comissão Distrital do Porto.

CHAVES — Martin; Adão, Toni e Alexandre; Albano e Amândio; Paulino, Luís, Rosário, Cardoso e Vasconcelos.

BEIRA-MAR — Violas (Sidónio); Pastorinha, Liberal e Brito; Sarrazola e Hassane Aly; Raimundo, Mota, Correia, Laranjeira e Calisto.

Golos — ROSÁRIO, aos 48 e 59 m., e LUÍS, aos 55 e 65 m., pelo Chaves; e CORREIA, aos 70 m., pelo Beira-Mar.

minutos, pela turma visitada, descontrolou-se um tudo-nada. Explorando bem esse período de desorientação quase geral, o Desportivo de Chaves aproveitou o ensejo para consolidar e garantir o seu precioso êxito, marcando dois golos de rajada e um outro, minutos mais tarde.

Daí em diante, o Beira-Mar recompôs-se e voltou a equilibrar o jogo, até porque o seu opositor actuava mais tranquilo. Mas era já impossível tentar a recuperação, uma vez que os beiramarenses, como atrás referimos, sentiram demasiadamente o primeiro golo e, desse jeito, consentiram nos restantes...

Ao cabo e ao resto, o Desportivo de Chaves acabou por obter um triunfo inteiramente justo. Cardoso, Amândio e Rosário foram, quanto a nós, os seus melhores elementos.

Razoável até ao 0-1, a equipa aveirense, pelo nervosismo de certos jogadores, depois, de ser aquele mesmo bloco sólido e coeso. Merecem especial menção Liberal, Sarrazola e Raimundo.

A arbitragem foi regular: o sr. Caetano Nogueira foi caseiro, é certo, mas não influiu no resultado.

A. POMPEU FIGUEIREDO

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Salgueiros	23	16	3	4	61 - 20	35
Marinhense	23	11	5	7	39 - 28	27
Chaves	23	11	5	7	44 - 33	27
Caldas	23	10	6	7	42 - 35	26
Peniche	23	11	4	8	30 - 32	26
Beira-Mar	23	9	6	8	37 - 41	24
Sanjoanen.	23	11	1	11	45 - 44	23
Torreense	23	9	3	11	44 - 44	21
Vianense	23	10	—	13	42 - 45	20
Oliveirense	23	8	3	12	47 - 47	19
Espinho	23	7	5	11	32 - 47	19
Académico	23	6	7	10	37 - 57	19
Vila Real	23	6	6	11	41 - 49	18
União	23	8	2	13	36 - 55	18

Para amanhã

Na Marinha Grande
MARINHENSE - PENICHE (0-2)

Em Coimbra
UNIÃO - ESPINHO (0-4)

Em Vila Real
VILA REAL - SANJOANENSE (2-6)

Em Aveiro
BEIRA-MAR - ACADÉMICO (3-2)

Em Oliveira de Azeméis
OLIVEIRENSE - CHAVES (0-4)

Em Viana do Castelo
VIANENSE - TORREENSE (1-6)

Nas Caldas da Rainha
CALDAS - SALGUEIROS (1-4)

Campeonato Nacional da III Divisão

Após a jornada número doze, concluída no domingo findo, apenas um clube aveirense se mantém com possibilidades de passagem à *poule* seguinte: o Feirense, campeão regional, que voltou ao segundo rosto. Os outros clubes de Aveiro, com provas muito modestas e irregularíssimas, encontram-se precisamente nos três últimos lugares, donde dificilmente sairão.

Eis os resultados e a classificação actual:

Pejão, 2 — Ovarense, 2; Feirense, 3 — Académico, 2; Avintes, 2 — Varzim, 1; e **Leça, 7 — Arrifanense, 0.**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Avintes	12	7	3	2	34-25	17
Feirense	12	7	1	4	33-23	15
Varzim	12	6	2	4	26-18	14
Leça	12	4	4	4	22-17	12
Académico	12	4	4	4	16-15	12
Arrifanense	12	4	2	6	14-29	10
Pejão	12	2	5	5	18-25	9
Ovarense	12	2	3	7	9-21	7

Jogos para amanhã

Leça-Pejão (1-1), Ovarense-Feirense (0-5), Académico - Avintes (1-1) e Arrifanense-Varzim (0-4).

Torneios Distritais

JUNIORES

Brilhantemente, o Recreio manterá o título

Mercê dos resultados com que concluiram os desafios de domingo — **Ovarense, 0 — Sanjoanense, 0** e **Espinho, 2 — Recreio, 4** — a valorosa turma aguedense firmou-se como virtual vencedora do campeonato regional, a uma jornada do termo da competição.

Com inegável mérito, os jovens e esclarecidos pupilos de Daniel reeditaram a proeza alcançada na época transacta, pelo que merecem efusivas felicitações. De mais, e até este momento, os juniores do Recreio mantêm-se invencíveis!

Para amanhã, no termo do torneio distrital, defrontam-se: **Sanjoanense-Recreio (0-2)** e **Espinho-Ovarense (1-3).**

A classificação, neste momento, apresenta-se assim ordenada: Recreio, 9 pontos; Sanjoanense, 5; Ovarense, 4; Espinho, 2.

II DIVISÃO

Na ronda que assinalou o reatamento da prova, apurou-se este conjunto de resultados:

Estarreja, 6 — Esmoriz, 1
Alba, 2 — Lamas, 2

O União de Lamas, por ter feito alinhar, em condições irregulares, o jogador César dos Santos Soares, nos desafios *Lamas-Alba* e *Estarreja-Lamas* foi multado em 500$00 e derrotado nos referidos encontros.

Deste modo, *Alba* e *Estarreja* encontram-se igualados no comando, ambos 9 pontos, seguindo-se-lhes o *Lamas* e o *Esmoriz*, estes com 7 pontos.

O torneio prossegue amanhã com dois encontros de muito interesse e muita importância: *Lamas—Estarreja* (1-3) e *Esmoriz—Alba* (2-1).

Xadrez de Notícias

★ *Dois desportistas internacionais aveirenses encontram-se em Lisboa, a cumprir serviço militar, desde a semana que hoje termina. Trata-se do nadador beiramarense Vasco Naia, que representará esta época o Belenenses, e do basquetebolista Adriano Robalo de Almeida, do Clube dos Galitos.*

★ *O encontro de futebol Beira-Mar-Académico de Viseu, que amanhã se efectua nesta cidade, será dirigido pela equipa de arbitragem chefiada pelo sr. Raul Martins, da Comissão Distrital de Lisboa.*

★ *Sob orientação do dedicado monitor Ulisses Naia, os treinos dos remadores da Secção Náutica do Clube dos Galitos — que este ano conta com a presença de um numeroso lote de jovens iniciados — intensificaram-se a partir do começo da presente semana.*

★ *Por não poder utilizar o seu recinto do Pedorido, em consequência dum castigo da Federação de Futebol, o Pejão teve que jogar com o Ovarense, no domingo passado, em Oliveira de Azeméis.*

BASQUETEBOL

estiveram três vezes com vantagem (16 15, 17-15 e 25-24), mantendo-se a contagem muito igual.

Mais certos a encestar, apesar de se mostrarem fraquíssimos nos lances livres, os representantes do Sport acabaram por triunfar.

O Esgueira, sem alguns elementos titulares e com uma arbitragem nìtidamente parcial contra si, acusou os efeitos da paragem da competição e evidenciou, ainda, um pouco de saturação.

A arbitragem, como já se disse, favoreceu ostensivamente os conimbricenses, usando de diversidade de critério na aplicação de faltas idênticas, consoante fossem cometidas por elementos do Esgueira ou do Sport. E, assim, não podem ter agradado os juizes portuenses.

Uma nota final: o trabalho parcial dos árbitros e ainda uma deselegante atitude de um jogador sportista (Esteves) tiveram o condão de indispor o público, que se excedeu, no final do encontro, tendo agredido alguns elementos (jogadores e dirigentes) do Sport. Reprovamos enèrgicamente os insólitos acontecimentos — condenáveis e nada prestigiantes.

GUIFÕES, 50 GALITOS, 41

O encontro efectuou-se em Guifões, sob arbitragem dos portuenses Manuel dos Santos e Altamiro Pinho, tendo os grupos apresentado:

GUIFÕES — Matos, Neves 8, Joaquim Ferreira 15, Sobreiro 14, António Ferreiro, Santos 11, Silva e Mendes 2.

GALITOS — Albertino, Luís Robalo 6, José Fino 12, Artur Fino 14, Júlio 4 e Arlindo 3.

Em complemento da excelente jornada de aproximação desportiva levada a efeito em Aveiro, quando de encontro da primeira volta, a partida de Guifões decorreu dentro de um clima de perfeito desportivismo — pelo que, e felizmente, o Desporto por si só chegou para apertar novamente dois centros que maus servidores do Desporto haviam separado profundamente. Ainda bem!

O encontro foi muito equilibrado e, no geral, jogou-se bom basquetebol. No fim do primeiro tempo os guifonenses venciam por 26-21, e o triunfo final ficou também na sua posse, com merecimento. Aliás, qualquer dos contendores podia ter chegado vitorioso ao termo da partida...

Mapas da classificação

SUBSÉRIE A-1

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Leça	6	5	—	1	296-207	16
Sport	6	4	—	2	251-193	14
Fluvial	6	4	—	2	270-234	14
Salesianos	6	3	—	3	218-201	12
Esgueira	6	2	—	4	201-235	10
Figueirense	6	—	—	6	119-291	6

SUBSÉRIE A-2

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Guifões	6	5	—	1	297-239	16
E. Física	6	4	—	2	220-185	14
Galitos	6	4	—	2	245-223	14
Olivais	6	3	—	3	251-210	12
Sanjoan.	6	1	—	5	195-270	8
Boavista	6	1	—	5	154-235	8

JOGOS PARA A 7.ª JORNADA

Sport-Leça (40 54), Sporting Figueirense - Fluvial (26 - 67) e Salesianos-Esgueira (26 37), na *Subsérie A-1*.

Galitos-Sanjoanense (34-31), Olivais-Boavista (49 21) e Educação Física-Guifões (40-48) na *Subsérie A-2*.

INFANTIS

Com o encontro GALITOS, 23—SANGALHOS, 16 (15-4 ao intervalo), concluiu mais um torneio regional, na manhã de domingo passado.

A turma alvi-rubra, com quatro triunfos nos quatro desafios que efectuou, foi a vencedora incontestável da prova, qualificando-se para o Campeonato Nacional.

A pontuação ficou assim estabelecida deste modo: Galitos, 12 pontos; Sangalhos, 8; Illiabum, 3 (uma falta de comparência).

A propósito do Banco Nacional de Fomento

Continuação da primeira página

É de tal utilidade e de tal ordem que a todos os lares — dos mais afortunados aos mais humildes — ele chega com frequência e satisfação.

Como seria possível que o mundo presente, com a sua fabulosíssima produção, pudesse continuar a manter o ritmo veloz e dinâmico em que vive, se através do CRÉDITO não espalhasse, a todos os recantos habitados, as peças saídas das suas imensas linhas e cadeias de montagem?

Como poderiam os pobres ter um mínimo de comodidades, de distracção e de conforto, se não fora o CRÉDITO?

Como se poderiam montar as enormes empresas, de aplicações e investimentos icomensuráveis de dinheiro, se não fora o CRÉDITO?

E será ele sempre bem aplicado, será bem repartido, bem aceite e bem baseado?

A instabilidade económica dos países, das empresas e dos próprios particulares, torna o assunto tão complexo, tão difícil, que a orientação traçada num momento tem de ser permanentemente revista, acompanhada e, por vezes, rápida e profundamente remodelada, para que não surjam surpresas imprevisíveis, desagradáveis e prejudiciais...

A própria política tem reflexos na orientação da concessão de crédito. A instabilidade de sistemas, o *contrôle* e dirigismo das instituições, a solidez da moeda e da sua convertibilidade no estrangeiro, dificultam ou facilitam, conforme os casos, a dispersão e extensão do crédito.

A socialização das grandes empresas e modificações de carácter económico-social impostos pelo Partido Trabalhista, na sua passagem pelo Governo de Londres, foi de tal ordem que o Banco de Inglaterra tem jogado com a taxa de desconto —diminuindo ou aumentando— conforme tem necessidade de fiscalizar o movimento do crédito, de acordo com os índices da produção e exportação, sobretudo quanto a objectos de utilidade doméstica ou uso pessoal, grandemente procurados desde que se proporcionou um melhor nível de vida às classes trabalhadoras.

Na grande América, cheia de multimilionários, e com o poder de compra e disponibilidades que sabemos, a grande maioria, se não a totalidade das transacções, é feita a crédito.

As maiores empresas nascem, sustentam-se e vivem à base do crédito. E, apesar dos milhões de que dispõem e dos rios de dinheiro gastos, baqueariam imediatamente se lhes fosse retirado o crédito de que desfrutam.

E entre nós, como se têm orientado os problemas do crédito?

O que se fez será suficiente e adaptado às exigências da era actual?

Estaremos em condições de fomentar e auxiliar a remodelação industrial e comercial que se avizinha?

Haverá possibilidades de sustentar uma máquina industrial como a que nos será exigida pela entrada na Associação Europeia do Comércio Livre, estabelecida no Tratado de Estocolmo?

Teremos capacidade para fomentar esses grandes empreendimentos que se projectam?

Teremos disponibilidades para financiar a montagem de organizações no mesmo pé de igualdade dos países grandemente industrializados que se nos emparceiram, como a Inglaterra, a Suécia, a Suíça, a Noruega, etc.?

Em Portugal, embora indo de encontro às necessidades actuais, o sistema de crédito, tal como vinha existindo, se, por um lado, trazia vantagens pela solvabilidade a curto prazo, por outro, e no aspecto de financiamentos, era restrito e insuficiente, não se estranhando, por isso, a proliferação das empresas hipotecárias...

Acresce que o crédito não se tem rodeado daquela segurança consciente que devia existir. A dispersão de responsabilidades por vários organismos e localidades tem sido motivo de frequentes e enormes surpresas, com os seus evidentes e reais contratempos e prejuízos.

Surge agora — na remodelação do sistema bancário — a perspectiva de uma fiscalização de riscos, o que, na prática, permitiria agir com critério mais exacto e ponderado, no próprio interesse do beneficiado, não lhe dando ocasião de se aventurar excessivamente sem bases para o fazer.

Além disso, distingue e restringe as espécies de crédito a dispender consoante as origens e aplicação.

Ao Banco de Fomento Nacional incumbe o financiamento, a médio e a longo prazo, de acordo com o seu regime estatutário e para ocorrer «à aquisição de equipamentos industriais, melhoramento de instalações fabris, montagem de laboratórios e outras instalações tecnológicas, transferência e instalação de mão-de-obra, incluindo a construção de edifícios para habitação, compra de patentes, marcas e modelos de fabrico, remissão de foros e hipotecas e outros investimentos relacionados directamente com o fomento industrial».

Quanto a DISPONIBILIDADES, supomos que, sem tratar de saber onde e de quem, o nosso País tem recursos e reservas para ocorrer ao fomento da actividade industrial que se está a notar e a engrandecer.

Não interessa averiguar se as empresas têm ou não e se podem ou não viver apenas com capital próprio. Supomos que não; mas facto idêntico se nota em todo o Mundo e a própria amplitude dos negócios obriga a não se dispensarem do CRÉDITO e a ele terem de recorrer.

Verificamos, porém, que os depósitos nos sete maiores bancos comerciais portugueses, em 31 de Dezembro do ano findo, eram de 15 849 000 contos — não tendo em conta os montantes depositados no Banco de Portugal e na Caixa Geral de Depósitos — o que no total dará muito mais de 20 milhões de contos.

Além disso, por obrigatoriedade legal, os Bancos comerciais devem ter em caixa um mínimo de 15 °/₀ dos depósitos à ordem e 5 °/₀ dos depósitos a prazo — o que, traduzido em números, deve andar à volta dos 3 milhões de contos.

Pelo Decreto-lei n.º 42 611, de 12 de Novembro de 1959, essa reserva pode ser em parte constituída por promissórias do Banco de Fomento, o que equivale a dizer que esse dinheiro imobilizado pode perder o bafio dos cofres e entrar no Banco de Fomento, para dali sair em empréstimos à Indústria, ao Comércio ou à Agricultura.

Inteligente e utilíssima forma é essa de pôr a circular os dinheiros, que, embora façam parte dos 12 milhões de contos de notas em circulação, estão sempre pràticamente imobilizados.

As reservas amontoadas noutros sectores capitalistas não deixarão de surgir, desde que se veja segurança e bom rendimento dos seus capitais. Haja em vista as subscrições de obrigações, a maior parte delas sempre preenchidas com excessos elevadíssimos. E, ainda agora, a própria emissão de 20 000 acções do Banco de Fomento, coberta com 170 000 subscrições, ou seja 8,5 vezes mais...

Somos por isso levados a crer e a confiar na possibilidade do bom êxito da renovação do nosso apetrechamento industrial, desde que a entidade criada para o fazer possa bem acompanhar e ajudar os problemas que surjam e exercer a sua acção com dinamismo, firmeza e boa-vontade.

E oxalá que esta onda de ressurgimento, este afã de melhorar e transformar velhos em novos processos de trabalho e de produtividade, seja bem sucedido e resulte tal como muito precisa o nosso País.

Mas, a par de tudo isto, entre nós como no Mundo inteiro, só pode estar a confiança, o carinho e a justiça, que se sintetizam numa palavra: — o CRÉDITO.

Larga estrada que abre as comunicações entre a produção e o consumo — como dizia Oliveira Martins — o CRÉDITO melhora, progride, movimenta e fomenta riqueza; ajuda a arrancar do solo e a transformar a matéria bruta e informe nos objectos do nosso agrado e da nossa necessidade; permite aos lares humildes e trabalhadores, sem recursos, mas honrados, usufruir de um bem-estar e de uma comodidade, que, sem ele, não estariam ao seu alcance; ganha e faz ganhar, colaborando na boa harmonia e interesse geral; e, finalmente, coopera para que, entre credores e devedores, possa haver perfeita comunhão de interesses, impondo-se pelo progresso da Humanidade, com bem-estar para todos.

E só é pena que as nações se não mereçam em CRÉDITO —para que no Mundo possa haver mais paz e tranquilidade...

4-IV-1960

António Brinco da Costa

Balada de Santa Joana

Continuação da primeira página

dações de alguma velhinha aveirense que fosse, nesse tempo, dona da linda voz que é apanágio dessas tricanas? Que belos concertos, ao ar livre, quando elas passavam, à tarde, do trabalho, cantando a duas e três vozes, a caminho de S. Bernardo ou de Verdemilho!».

Tal como ma transmitiu, a «balada» é a seguinte:

Houve, em tempos, uma Rainha,
Santa Isabel de Aragão,
Que transformava as moedas
Em esmolas de flores e pão.
Também a Santa Joana,
Princesa de Portugal,
Transformou seu diadema
Em coroa celestial.

Coro:
Como as filhas do Mondego,
Que, em noites de lua cheia,
Em suave melopeia
Saúdam a Santa amada,
Assim as filhas do Vouga,
Da Veneza Lusitana,
À querida Santa Joana,
Dedicam esta balada.

Três coroas refulgentes,
De reinos mui potentados,
Foram depostas aos pés
Da Mãe dos desamparados.
Tudo ela recusa, enfim,
Que o reinar não a seduz,
E lança os olhos benditos
Para os braços duma cruz!

Crê a senhora D. Raquel Ferrer Antunes que havia uma outra estância, de que não conseguiu lembrar-se; mas recorda-se perfeitamente «da toada desta singela e encantadora composição».

Não desistirei de procurar, logo que me seja possível, a letra completa e a música desta «balada», realmente interessante.

Por agora, limito-me a agradecer pùblicamente as obsequiosas informações recebidas.

Ficaria, entretanto, gratíssimo a quem tivesse a bondade de completá-las — o que constituiria um serviço muito estimável.

António Christo

Santa Joana Princesa em hábito de dominicana. Painel em azulejo, das Fábricas Aleluia. Reprodução de uma pintura em cobre, do séc. XVII

Væ victis!

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

Falando do Círculo Experimental de Teatro de Aveiro

Considerações de JAIME BORGES

«Roma e Pavia não se fizeram num dia» — diz o povo e com toda a razão da sua ancestral dignidade histórica. Vem isto a propósito de certas construções novas que surgem com os alicerces no início da sua construção. Teria Roma forte base? Estou em crer que sim — o que não obstou a que tivesse desaparecido a sua civilização. Ficaram, porém, os alicerces.

O Círculo Experimental de Teatro de Aveiro fez a sua estreia sob os auspícios do Milenário do burgo e, mediante o esforço colectivo de jovens e não-jovens, lançou a primeira pedra dos seus alicerces.

O espectáculo surgiu conforme foi concebido e delineado. Houve falhas, claro; mas o certo é que o trabalho da construção foi iniciado. O C. E. T. A. tinha nascido tal como Roma e Pavia: num dia. Nascido, mas não feito. Depois, historiando os acontecimentos desde essa data, registamos uma ânsia enorme de construir o edifício. O mal foi não se olhar à qualidade da argamassa que se estava a usar. E o edifício desmoronou-se por mais de uma vez.

Houve esmorecimentos, faltas de coragem; mas a vontade incrementou novas tentativas. E, de cada derrocada colhiam-se ensinamentos para novos surtos. Eram as dificuldades que surgiam e surgem de todos os lados. A muito custo, a iniciativa de Væ Victis! ia, de rumo em rumo, procurando o melhor. E a esperança, a mais forte virtude dos nossos dias, era e é a coisa mais consistente que os membros do C. E. T. A. empregam na construção do edifício. Depois de muito trabalho, os alicerces estão prontos. Irão ruir outra vez? Só Deus o sabe. Entretanto, alguns trabalham para subir um andar ao prédio — andar que se repetirá até chegar ao céu, se possível.

Os ensaios começaram já. Mais jovens aderiam ao movimento; mais pessoas lhes deram a sua adesão e saber.

A peça escolhida foi «O Diário de Anne Frank», Prémio Pulitzer do drama, em versão de Frances Goodrich e Albert Hackett. É a primeira vez, em Portugal, que a peça será representada por amadores. A obra encerra uma mensagem que se vai procurar transmitir ao público. Os artistas encarregar-se-ão disso e procurarão, debaixo duma responsabilidade que imporão a si próprios, mostrar as personagens e a sua vida — que foi real.

A peça será anunciada oportunamente; e esperamos que o público de Aveiro corresponda — como sabe, quando quer — a uma iniciativa dos jovens aveirenses.

A cidade necessita dum meio de cultura; e, se o deseja, tem que ajudar a erguer o edifício e a consolidá-lo.

Depois, será a esperança transformada em realidade palpável e visível.

O C. E. T. A. quer fazer Teatro, porque os seus membros gostam de Teatro e crêem que o Teatro é uma das mais fecundas fontes de Cultura individual e colectiva. Eleva a altura duma cidade e até dum país. Temos notáveis festivais internacionais de Teatro em diversos países. Ainda agora houve os festivais das nações, na capital francesa. E, todos os anos, em Straford-on-Avon, a terra natal do grande Shakespeare, se representam os seus dramas com um brilho e um nível invulgares. Com uma assistência verdadeiramente internacional. Criou-se até a lenda de que, quem não representou algum dia Shakespeare, não é um verdadeiro actor.

O Círculo Experimental de Teatro de Aveiro não pretende competir com aqueles festivais; quer apenas fazer Teatro. Procurará fazê-lo sempre melhor e em moldes mais modernos e mais perfeitos. E isso só conseguirá depois de muitos sacrifícios e sob uma orientação honesta, tendo em mente os grandes ideais. O C.E.T.A.

Continuação da página 5

O Outro & EU

Versos de JACINTO MANUEL REBOCHO

Há em mim
Uma barreira
Onde eu começo
E o outro acaba.
Mas nem assim
Eu conheço
Qual deles o verdadeiro:
Se o que veio primeiro,
Se depois que ensinaram
Aquele outro que ficou.
Entre nós,
Há uma fronteira,
Mas tanto nos misturam
Que não sei qual deles sou!...

Será ou não será SNOBISMO?

UM ARTIGO DE SILVA COSTA

Esta coisa de se apregoar aos quatro ventos qualquer verdade, mas que, precisamente por isso, vem ferir susceptibilidades, tem muito que se lhe diga, não há dúvida.

Normalmente, aqueles que não têm papas na língua ficam invariàvelmente mal vistos, ao passo que os hipócritas e peões-de-dois-bicos vestem a pele de cordeiros.

Ora vem isto a propósito das recentes visitas a Lisboa de companhias de Teatro francesas ao palco do aristocrático S. Luís.

Iniciativa digna de nota, só esperamos que ela não se estiole com o rodar do tempo, pois com isso só ficará a lucrar o público português.

Lògicamente, para fazer deslocar tais companhias, será preciso arriscar bom capital, que por sua vez terá de incidir sobre o preço dos bilhetes para tais espectáculos.

Sendo assim, não seria de admirar que os bilhetes de ingresso para as companhias francesas não estivessem ao alcance de qualquer bolsa; mas, caso curioso, o S. Luís tem esgotado as lotações. Todos os lugares do teatro estavam cheios de espectadores ansiosos (?) por ver teatro francês.

Depois dessa data, um jornal lisboeta entrevistou Assis Pacheco, e veio à baila o caso desses conjuntos.

E, sem teias-de-aranha a toldar-lhe a vista, Assis Pacheco declarou, entre outras coisas, que essas companhias não expressavam o valor actual do teatro francês, que tinham sido organizadas para ir ao Norte de A'frica, com artistas de pouca categoria, e que a sala estava esgotada... porque *era fino* assistir a esses espectáculos.

Não queremos discutir se essas companhias tinham ou não tinham valor. Para o assunto que nos propusemos tratar, esse facto pouco interessa.

Queremos sòmente analisar a última parte das declarações de Assis Pacheco, que foi a que nos chamou mais a atenção, pelo tom desassombrado com que foi proferida.

No número seguinte do referido jornal, um redactor (não sabemos se o mesmo da entrevista) contestou essas afirmações, dizendo não concordar com elas, alegando inser, na parte que nos interessa, uma falta de respeito pelo público, afirmar que fora por snobismo que lá tinha ido.

Já temos ouvido chamar muitas coisas à verdade, mas falta de respeito, francamente, foi a primeira vez.

Sabendo que, como é lógico, só se ouviria falar francês, não é fácil convencer-nos de que todo o público sabia a língua de Richelieu. Seria infantil, aliás.

Assim, como se explicaria a presença de tanto público? Por amor ao Teatro, mesmo sem perceber o que se dizia no palco? Ou seria, como disse Assis Pacheco, por *ser fino* assistir a um espectáculo duma companhia estrangeira?

Não devemos ter ilusões. Ainda não conseguimos derrubar a crença, bem arreigada, do nosso povo, de que o que é estrangeiro é melhor do que o que é nosso. Toda a gente conhece o caso das fazendas inglesas... fabricadas na Covilhã...

E' claro que não vamos ao ponto de asseverar que todo o público foi ao S. Luís por snobismo; mas o que é certo é que, entre uma má companhia de fora e uma boa companhia nacional, a maioria do nosso público escolhe a primeira.

Pudera! Geralmente esses espectáculos são acontecimentos sociais. E' preciso marcar presença, mostrar que se é culto, mesmo que de francês, no caso vertente, não se perceba uma letra do tamanho de nosso Farol...

LONGE...

Longe...
Indefinidamente vago no olhar
Na voz que entoa o cântico da noite
Entre a limitação das margens
Passa o barqueiro que leva ao mar,
Que traz do mar, que arroja ao mar,
E fica aquém do mar.
Cidade, tu és terra, segura terra,
De barcos repousados na calma água.
Longe...
De tão perto fica o amor e o perigo
O ardor de ir mais além é apenas sonho
E tu ficas longe de tão perto estares
Cidade das águas calmas entre margens
Longe...

MARIA EDUARDA

Linóleo de HELDER BANDARRA

Litoral ANO SEXTO N.º 285
Aveiro, 9 de Abril de 1960

UM JORNAL DE TODOS E PARA TODOS — em que cabem TODAS AS OPINIÕES HONESTAS; que aceitará TODAS AS SUGESTÕES INTELIGENTES; porta-voz de TODOS OS ANSEIOS LEGÍTIMOS

AVENÇA